

EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E DESIGUALDADES

Patrícia de Souza Maciel

Mestranda em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN,

Janeiro 2010

RESUMO: O objetivo deste artigo é avaliar as relações existentes entre educação, globalização e desigualdades. Metodologicamente foi utilizada uma revisão bibliográfica como forma de sustentação das idéias que serão apresentadas. A hipótese desta investigação científica é a de que a educação é fator estratégico para a inserção de um país em uma economia globalizada. Todavia esta educação hoje não se configura como promotora de igualdades. As modificações relativas à produção do sistema fordista para o toyotismo criou novas especificidades nos requerimentos das capacitações de mão-de-obra e o setor de serviços ganhou importância relativa e quantitativa na composição dos PIBs nacionais. Como a cidade se organiza, quais os serviços que ela oferece e que tipo de mão-de-obra prevalece lá alocada são fatores que irão definir estrategicamente a localização das empresas. Assim, o desenvolvimento das cidades está intimamente ligado aos tipos de serviços nela existentes que por sua vez, dependem do nível de educação que lá prevalece.

Palavras-Chaves: Educação, globalização, desigualdades

ABSTRACT: The aim of this paper is to evaluate the relationship between education, globalization and inequality. Methodologically, was used a literature review as a way to support the ideas presented. The hypothesis of this research is that education is a strategic factor for the insertion of a country in a globalized economy. However, this education today does not configured as promoters of equality. The changes related to the Fordist production system for the Toyota has created new requirements of the specific capabilities of manpower and the service sector has gained importance relative and quantitative composition of the national GDP. As the city is organized, what services it offers and what type of manpower allocated prevails there are factors that will define the strategic location of businesses. Thus, the development of cities is closely linked to the types of services in that area which in turn depend on the level of education that prevails there.

Keywords: Education, Globalization, unequals.

1 INTRODUÇÃO

A educação é estudada no contexto sócio-econômico como sendo uma maneira de se reproduzir as hierarquias das empresas. Haveria, para muitos autores, um curriculum oculto que ditaria as regras que se apresentam numa sociedade de classes.

Isto posto, fica patente que a educação pode ser usada para vários fins que não aquele primeiramente vislumbrado pelos estudiosos mais incultos, que é o da igualdade de oportunidades.

Alguns estudos mostrarão na discussão que seguirá, que não é na escola que se ensina o suficiente para galgar posições em uma sociedade estratificada. O que torna evidente é que o ambiente familiar e social dará o tônus do desempenho escolar do estudante. E que as diferenças raciais ou religiosas só conseguem mostrar uma desigualdade de aptidões devido elas mesmas se configurarem em realidades sociais diferenciadas.

O que as empresas requeriam quando se tratava de educação no fordismo era uma mão-de-obra semi qualificada ou desqualificada, pois o processo produtivo se caracterizava pelas atividades mecanizadas onde o mais importante era a destreza de lidar com as máquinas. Diante desta realidade um trabalhador com pouca educação era a demanda do mercado.

Com a terceira revolução industrial e a globalização o que se modifica na demanda de trabalho é a qualificação requerida onde o trabalhador é visto como tendo várias aptidões, possuidor de criatividade e capacidade de tomar decisões, enfim, é necessário que ele seja um grande solucionador de problemas.

Isto muda toda a orientação da formação profissional visto que este novo trabalhador se configura em uma mão-de-obra qualificada e que já não pode mais em determinado momento de sua vida profissional, sentir-se formado pois com as mudanças rápidas nos mercados devido a volatilidade das economias têm-se em conta a educação continuada.

Dentro da realidade da terceira revolução industrial e da globalização surge o setor de serviços como grande demandante de mão-de-obra qualificada e muitas vezes autônoma sob forma de consultorias, etc. Os serviços estão, atualmente, ligados à indústria como forma de criar especificidades para o produto, inovar e assim obter ganhos concorrenciais.

Assim, atualmente a qualificação que é o principal insumo para que ocorra a inovação, já que esta faz parte de um processo criativo, se tornou ativo estratégico para as economias que estão incluídas nas mais altas rendas como também aquelas economias de baixa e média renda.

Diante do exposto se pergunta: a educação se configura como fator estratégico para a inserção de um país em uma economia globalizada? A hipótese deste artigo é de que sim, pois devido aos novos paradigmas da terceira revolução industrial, a educação é uma importante variável para a definição tanto de localização das empresas internacionais como definição de qual parte do processo produtivo irá para aquela localidade, ou a parte que requer mão-de-obra qualificada ou a que requer mão-de-obra semi-qualificada.

Além da introdução, o artigo está dividido em cinco partes a saber: no item dois será tratada a educação e as teorias que a liga às desigualdades, no item três será abordado a educação e seus requerimentos no mundo globalizado, no quarto item se estudará os serviços no Brasil e no mundo, no quinto item haverá uma apresentação de dados sobre educação e também sobre o setor de serviços no Brasil e as considerações finais no sexto item.

2- EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE

2.1 Abordagem histórica da educação e as idéias de pesquisadores sobre educação e desigualdade social

A origem da educação da forma como se vê hoje institucionalizada teve nas comunidades pré capitalistas um desenvolvimento onde a instrução era privilégio de poucos. Geralmente os líderes religiosos eram os grupos totalmente alfabetizados. As pessoas comuns aprendiam pelo exemplo nos hábitos sociais e na maneira de trabalhar. As letras não eram necessárias ao seu dia-a-dia. Até um século e meio atrás os filhos das famílias abastardas eram educados por professores particulares. Foi na primeira década do século XIX que começaram a surgir na Europa e nos Estados Unidos as primeiras escolas primárias.

Hoje as pessoas trabalham em profissões bastante diferenciadas cujo conhecimento para exercê-las não pode mais ser transmitido de pai para filho. Na sociedade moderna tem que se ter aptidões para ler e escrever, interpretar como também saber a forma de aprender para que possa fazer uso das novas informações.

Na Grã Bretanha, Giddens (2000), até a II Guerra Mundial a escola não era preocupação dos governos eleitos. A maioria delas tinha gestão particular ou eclesiástica. O ensino primário era gratuito, mas o secundário era pago o que causava uma divisão social entre os pobres e ricos, já que os pobres estavam fadados a possuírem apenas o ensino primário. Em 1944, com a lei da educação, a responsabilidade da instrução ficou a

cabo das autoridades eleitas que instituíram o ensino secundário gratuito e se comprometeram com a igualdade de oportunidades na educação.

Em Giddens (2000), o ensino nos Estados Unidos tem origem no puritanismo de que as crianças devem obedecer aos pais sem questionamentos, esta idéia foi, inclusive, texto de uma lei em 1692 onde se punia tanto os pais como os professores no que se refere à educação das crianças na aprendizagem e trabalho. Já em 1850 se tem nos Estados Unidos o ensino primário gratuito mas ainda não obrigatório. O ensino obrigatório surgiu no final do século XIX – em 1870 havia 160 escolas públicas e em 1900 havia mais de 6.000. Devido à grande diversidade cultural, as escolas se tornaram um local para a transmissão da língua como também da cultura anglosaxã. Os ideais de igualdade de oportunidades e a noção que todos nascem iguais também foram idéias passadas por esta escola que em sua sociedade nunca experimentou o ideal aristocrático o qual afirma que pessoas nascem com direitos diferentes de outras.

Diante deste histórico, serão levantadas a partir de agora, as teorias das desigualdades no que se refere à educação. Em Giddens (2000) é colocado sobre o trabalho efetuado em 1975 por Basil Bernstein onde são enfocadas as capacidades lingüísticas como fator de desigualdade. O trabalho de Bernstein sinaliza que as crianças de nível social mais baixo desenvolvem códigos lingüísticos restritos onde este código é mais apropriado para situações do dia a dia do que para discussão de idéias, processos ou relações. Já as crianças de classe média desenvolvem códigos lingüísticos mais elaborados que favorecem à vida acadêmica.

Ainda, segundo Giddens (2000), o trabalho de Bernstein ajuda a entender porque as crianças de origem sócio econômica mais baixa possuem baixos índices de aproveitamento escolar. Algumas características que desfavorecem a vida escolar estão ligadas ao código de linguagem restrito tais como:

- i) Por conta das respostas empobrecidas recebidas em casa com relação as suas indagações as crianças de origens sócio econômica mais baixa teriam menos informação e também menos curiosidade sobre o mundo ao seu redor.
- ii) Como esta criança está acostumada ao código restrito de linguagem terá mais dificuldade em entender o código lingüístico usado na escola que é mais abstrato como também os princípios gerais da disciplina escolar. Também haverá maiores dificuldades com relação à compreensão da fala do professor.

- iii) A criança terá mais dificuldades em entender os assuntos ligados a conceitos que se relacionam com abstração e generalização como também terá mais facilidade com os assuntos ligados a decorar ou repetir.

No livro de Giddens (2000) ainda é feito uma abordagem sobre o trabalho efetuado em 1976 de Samuel Bowles e Herbert Gintis que baseiam seus estudos no ensino dos Estados Unidos. Estes autores advogam a idéia que a educação não tem contribuído para a igualdade econômica sistematicamente, visto que o sistema de ensino se configura em uma réplica do trabalho, ou seja, as estruturas hierárquicas como também as recompensas e punições são semelhantes ao mercado de trabalho onde alguns conseguirão se destacar em empregos mais bem remunerados e outros não, onde se motivam uns para o sucesso e outros não. Os autores não olvidam os benefícios trazidos pela educação em massa, mas argumentam em seu trabalho que por conta do sistema educacional servir às necessidades econômicas tal sistema não consegue ser o que os reformadores iluminados desejam. Toda esta idéia se baseia na premissa de que o ser humano só pode desenvolver suas aptidões plenamente quando se pode realmente controlar as suas vidas e isto não ocorre no ambiente escolar visto que a regra no sistema educacional é de submissão arbitrária, que vem a corroborar o ambiente de trabalho onde a democracia e a igualdade estão longe de serem compatíveis com este estado de independência do ser humano requeridos para um bom desenvolvimento de suas aptidões.

Outro trabalho apresentado por Giddens é do autor Ivan Illich que foi efetuado em 1973. Illich, segundo Giddens(2000) levanta a questão juntamente com os autores acima citados da relação de hierárquica e disciplina requerida para o desenvolvimento econômico que é ensinada no sistema escolar. Illich argumenta que o desenvolvimento econômico moderno despojou as pessoas de suas capacidades tradicionais colocando-as dependentes do professor para aprender, do médico para se curar, da TV para se entreter e do patrão para subsistir. Defende ainda este autor crítico que as escolas hoje têm como principal atribuição a custódia, pois as crianças são obrigadas a irem para lá e são mantidas longe das ruas até o momento da sua entrada no trabalho. Associado a esta idéia o autor acredita que a escola inculca nos alunos o que chamou de aceitação pacífica que se configura em uma situação onde há uma aceitação acrítica da sociedade. Existiria um currículo oculto onde as crianças aprenderiam que a vida consiste em identificar o seu lugar e tomar o assento, ou seja, o sistema educacional reafirma as desigualdades ao invés de procurar extingui-las. Ele advoga a extinção das escolas em troca de um banco de dados e bibliotecas disponíveis para quem deseja instrução como também o oferecimento tanto de serviços de professor como de

pesquisador conjunto como forma de troca extinguindo assim também os currículos obrigatórios a todos.

2.2 Educação promotora da igualdade ou da desigualdade?

A educação tem sido bastante discutida como forma de criar condições para que a sociedade se transforme em mais igualitária. Os estudos sobre a criação de igualdades através da educação nos provam que esta idéia não é verdadeira e que, ao contrário, a educação tem se mostrado como mantenedora das desigualdades muito mais que promotora da igualdade. Em Giddens (2000) é colocado alguns estudos sobre a educação que serão analisados a partir do próximo parágrafo.

Estudos feitos em muitos países nos mostram que a origem social e familiar se configura nas principais tendências para uma vida escolar de desempenho satisfatório ou insatisfatório. Um desses estudos é o de James Coleman efetuado em 1964 que tinha como objetivo estudar as desigualdades educacionais devido às diferenças étnicas, religiosas. A princípio Coleman, segundo Giddens (2000), pensava que as diferenças nas estruturas das escolas de brancos e negros seriam bastante acentuadas, mas não foi isto que ele encontrou. A estrutura escolar se mostrou de pouca relevância quando se trata de análise de desempenho, pois este está muito mais ligado aos antecedentes das crianças. São os lares, bairros e grupos sociais que trazem as desigualdades para as crianças e estas desigualdades são levadas para a vida adulta, ou seja, a origem da criança é decisiva para a perpetuação das desigualdades sociais. Isto leva o autor a explicitar que reformas na educação tem efeitos menores sobre as desigualdades observadas. Ainda esta pesquisa de Coleman mostra que estudantes de aprendizado lento aumentavam seus rendimentos quando misturados a crianças de aprendizado mais veloz, o que, segundo o autor, reafirma a idéia de que o convívio social afeta no aprendizado. Quando se coloca estudantes de aprendizado mais veloz com seus semelhantes não se pode chegar à conclusão que seu rendimento aumente, o que enfraquece os argumentos de separação de alunos segundo o desempenho.

Outro lado do estudo das desigualdades sociais no que se refere à educação é atribuído a inteligência, ou seja, cada qual tem aquilo que a sua inteligência é capaz de lhe oferecer. Existiria aí, segundo o autor, uma igualdade. Mas para seguir em frente nesta questão se faz necessário que se conceitue inteligência e sobre isto não há consenso mesmo o teste de QI sendo largamente utilizado. Em Giddens (2000) é colocado o estudo de dois americanos Richard J. Herrnstein e Charles Murray efetuado em 1994 onde eles advogam a idéia que

fatores étnicos genéticos seriam determinantes para a inteligência. Críticos a estes autores informam que tais diferenças encontradas no estudo de Hernstein e Murray resultam de diferenças sociais e culturais visto que o teste de QI favorece o pensamento abstrato que não é tão largamente utilizado pelas camadas negras da sociedade como é pelas camadas brancas, fazendo com que o teste de QI favoreça os brancos. Cita ainda os críticos deste estudo que as diferenças encontradas entre brancos e negros nos Estados Unidos são semelhantes às diferenças encontradas entre as etnias minoritárias a exemplo dos intocáveis na Índia. Giddens (2000) ainda lembra de um estudo feito com os burakumin no Japão, que são uma minoria discriminada por terem perdido as suas terras há séculos passados e serão vistos hoje como excluídos e errantes. Os burakumins são da mesma raça dos japoneses, tem a mesma semelhança física mas nos testes de QI apresentam desigualdades semelhantes encontradas entre os brancos e negros nos Estados Unidos. Estas observações vêm afirmar que as desigualdades de desempenho se relacionam com a situação sócio-econômica e cultural.

3- O LOCAL E O GLOBAL – uma visão do desenvolvimento das cidades e a globalização

Em Castells (2004), é colocada a importância que surge devido à globalização de se entender as características da cidade como uma dos agentes de desenvolvimento econômico.

Para o autor, a globalização condiciona o que acontecerá no âmbito local e as redes informacionais estruturam a economia. As atividades no mundo globalizado acontecem em âmbito local e todas as atividades estratégicas acontecem nas redes globais de decisão (mercados financeiros, audiovisuais). A nova estruturação baseada na informação representa uma revolução assemelhada à que ocorreu na primeira revolução industrial.

Todos os fatores produtivos estão articulados em rede e o trabalho altamente qualificado está se constituindo como mercado global, mas o trabalho desqualificado atua como exército de reserva. O capital se constitui globalmente, mas a mão-de-obra é sempre local. Advoga o autor que este novo sistema é incluyente e excluyente. Incluyente quando é capaz de se valorizar em qualquer local e excluyente de setores sociais, territórios e países. O valor e o consumo se criam apenas nos segmentos ligados a rede e agora o que antes se configurava em uma situação de exploração se mostra como hierarquias estruturais. A competitividade se encontra no processamento estratégico dessas novas economias.

Na observação de Castells (2004) existem hoje movimentos que criam a descentralização das grandes empresas em unidades gestoras, a criação de pequenas e médias

empresas e estas por sua vez ligadas às grandes empresas formando uma grande rede de cooperação. A flexibilidade deste novo sistema só é possível devido à tecnologia informacional. Esses novos movimentos atuam na reestruturação das formas de emprego e a realidade não se coaduna com a idéia, segundo o autor, por outros autores defendida que haverá diminuição significativa de empregos, ao contrário, nas cidades mais avançadas tecnologicamente são justamente aquelas que criam mais empregos. Advoga o autor que a dificuldade do emprego na Europa que é tido como estrutural se refere à inflexibilidade do mercado de trabalho, flexibilidade que é requerida na atual economia que se baseia também na incerteza e volatilidade de ganhos. “Una economia globalmente interdependiente no puede prescindir de un pacto social global”. Castells,(2004; p.26).

Compara o autor o mercado de trabalho da época da reforma industrial que agregou os trabalhadores rurais que não tinham mais terras e os artesãos que foram expropriados dos seus ofícios para trabalharem na fábrica. Já esta nova revolução divide as tarefas e fragmenta os processos de trabalhos onde a unicidade se dará nas redes de comunicação. Daí se vê os fenômenos de subcontratação, descentralização produtiva, emprego autônomo e consultorias onde essas formas laborais já perfazem hoje 1/3 ou 1/4 dos empregos nas economias desenvolvidas.

Castells (2004) analisa as economias em desenvolvimento e coloca que tais mudanças se dão de forma diferenciada. Também opera flexibilizando o trabalho mas cria também trabalhos informais que é a forma extrema de flexibilização e que se constitui, conforme já explicitado, em uma das características da economia informatizada e globalizada como também descentralizada. Todavia, estes trabalhos informais se constituem em mão-de-obra semi qualificada e na sua maioria desqualificada.

Em Castells (2004), é defendida a idéia que a sociedade tem hoje como sua base material os fluxos de informação onde está organizado tanto o poder quanto a riqueza mas mais importante que o poder e a riqueza são os fluxos em si (informacionais, financeiros, etc.).

A cidade depende cada vez mais das economias globais, inclusive seu desenvolvimento. Esta nova economia não mais se baseia exatamente na diminuição de custos mas no aumento da produtividade que se obtêm através do diferencial da competição e que para o autor a produtividade tem a ver com: conectividade, inovação e flexibilidade institucional. No que se refere à inovação explicita o autor:

Por innovación entendemos la capacidad instalada en una determinada ciudad para generar un nuevo conocimiento, aplicado a actividades económicas, basado em la capacidad de obtención y procesamiento de información estratégica. ello implica

disponer de recursos humanos adecuados, proporcionados por um sistema educativo de calidad em los distintos niveles del sistema de educación. Pero también implica, por un lado, ofrecer una calidad de vida que atraiga o retenga a los grupos profesionales más educados. Y, por otro lado, construir instituciones de investigación aplicada, ligadas a la vida económica, com flexibilidad y espíritu empresarial para incorporar em el sistema productivo de la ciudad las innovaciones tecnológicas globales. Castells(2004; p.32)

O texto acima sugere que mesmo inserido em uma realidade global as cidades precisam estruturar a sua sociedade local e que a qualidade da educação é preponderante para o desenvolvimento econômico visto que a qualificação é o que vai, no limite, promover o processo de inovação. Quando se refere ao setor industrial, o autor esclarece que este se configura a base deste sistema informacional pois é o setor mais produtivo e o setor que cria a riqueza das nações. Os padrões de localização, devido à nova realidade informacional baseada na microeletrônica, foram também reestruturados. A força de trabalho terá que ser qualificada de acordo com a especificidade requerida. Cita o exemplo da indústria de alta tecnologia como também a indústria de manufaturas que ambas possuem um perfil extremamente diferenciado de mão-de-obra. O novo espaço industrial não é mais as áreas metropolitanas mas as novas regiões organizadas em torno da alta tecnologia. Não se trata mais da idéia de centro-periferia mas da idéia de hierarquias de inovação e fabricação articulada em redes globais. Conclui então o autor: “Las grandes ciudades son lãs multinacionales del siglo XXI”.Castells (2004; p.190). Mais uma vez é colocada a educação como condição de atração das empresas onde os salários são maiores pois a qualificação da mão-de-obra é requerida nestas empresas.

O que fica claro na exposição do autor no que diz respeito à educação é que como os espaços da produção não são mais caracterizados como de centro-periferia mas hierarquias de inovação, e sendo a condição da inovação também a qualificação, a educação é tida como variável estratégica para o planejamento do desenvolvimento e por conseguinte condição para o aumento ou diminuição das desigualdades regionais.

Como reflexão no final deste ponto que trata da educação, globalização e desigualdade se necessita juntar as grandes idéias contidas nos tópicos no que se refere tanto ao estudo da educação e suas raízes e as descobertas sobre a educação como mantenedora da desigualdade como também observa o que é trazido da leitura de Castells sobre a nova revolução econômica - a terceira revolução industrial – onde a qualificação é requerida para a indústria, o que é totalmente contrário ao que se via após a segunda revolução industrial. Como também o surgimento do setor de serviços embricado com a indústria fazendo com que haja um requerimento ainda mais sofisticado acerca da qualificação.

Se é tão necessário ao processo de desenvolvimento que a educação seja de qualidade e os estudos afirmam que o que é fator determinante no aumento do desempenho escolar e por nexos causal, na qualificação, é o convívio social, e que reformas educacionais, por conseguinte, tem pouco impacto neste desempenho, resta para a educação, então, sua reestruturação baseada na diminuição da pobreza, e a certeza de que estas medidas associadas a uma reforma educacional os frutos só se reverterão no longo prazo. A idéia que acompanha o texto é que a qualificação para o mercado de trabalho hoje é um pouco mais do que educação formal, significa cidadania, direitos sociais. Atributos que pertencem a uma sociedade de democracia madura e instituições civis fortes. A qualificação, no limite, é condicionada por um processo histórico de maturidade de uma nação e não é porque o mercado requer que ela vai ser criada pelas instituições educacionais ou mesmo pelas empresas. A qualificação requerida pelas empresas que atuam nos países desenvolvidos não se cria do dia para a noite.

4- NATUREZA E DINAMICA SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL E NO MUNDO

4-1 Dinâmica dos Serviços

O que caracterizava o fordismo era a produção em massa de longa série de produtos, onde as empresas se desenvolviam em sentido vertical da produção. Hoje a realidade mudou radicalmente e se tem agora o toyotismo em que a produção se caracteriza pela especialidade do processo *just in time* onde a demanda da sociedade é que vai desenhar o produto de maneira que todo o processo foi invertido, ou seja, o ponto de partida da produção é o pedido do mercado e não mais uma planilha mensal onde se definia quanto e o quê produzir. Já não existem mais estoques e a produção foi estratificada e terceirizada.

Uma das características que acompanham esta dita terceira revolução industrial é a integração do setor de serviços ao setor manufatureiro pois esta integração se revela impulsionadora da criação de riquezas já que a diferenciação dos produtos tornou-se o parâmetro de concorrência. A modernização da indústria com as mudanças tecnológicas fez com que se criasse um processo de modernização tecnológica também nos serviços. Isto se deve a necessidade de se implementar trocas internacionais de forma acelerada.

A depender do nível de desenvolvimento das economias como também do aumento dos investimentos em tecnologia e a qualificação da força de trabalho, o crescimento do setor de serviços dará, em alguma medida, a reestruturação dos setores na economia e também impactará sobre as estruturas produtivas.

Segundo Kon(2004), a estrutura produtiva se modifica aceleradamente nos países de alta renda desde 1930 e mais lentamente nos países ditos de baixa e media renda, o ultimo se configura o caso do Brasil. Na década de 1950 e 1960 se assistiu a uma internacionalização da produção onde o capital procurava salários mais baratos. A tecnologia neste momento estava a serviço de uma organização hierarquizada e planejada onde a idéia reinante era substituição do trabalho humano ao máximo possível, pois esta era a lógica fordista. Esta lógica colocava os trabalhadores desqualificados nas grandes categorias de ocupação.

Após a década de 1960, segundo KON (2004), a produtividade caiu e com o advento das tecnologias de informação deu-se início a um processo de controle mais apurado pelas sedes das empresas e isso ensejou a especialização dos serviços juntamente com a introdução de maquinário eletrônico como também houve a introdução de pesada mecanização e produção de pequenos lotes. Com efeito, as duas décadas seguintes foi palco de uma nova reestruturação e divisão internacional do trabalho por conta de uma nova mão de obra ser requerida, a mão de obra mais qualificada, diferentemente da realidade fordista. Assim, a nova economia procura locais onde os serviços são mais sofisticados. E serviços sofisticados são oferecidos por mão-de-obra mais qualificada. Como também serviços mais sofisticados englobam: comunicações, transporte, serviços pessoais, fluxos de informação e financeiros internacionais. O setor de serviços se insere em um processo de reestruturação econômica demandado pelas economias de mercado e nesta mudança muitas vezes o setor de serviços desempenha um papel de liderança ao fornecer o conhecimento especializado.

Segundo Kon (2004), as economias passaram por mudanças basicamente caracterizadas por: a globalização das atividades econômicas; a reorganização das empresas; a ligação da indústria de manufatura com o setor de serviços; a introdução da tecnologia microeletrônica; requerimento mão-de-obra mais qualificada e trabalhos rotineiros sendo executados pela tecnologia; a complexidade da demanda.

Estas mudanças ocasionaram uma reestruturação dos serviços e de uma maneira geral, as mudanças se refletem acréscimo de participação dos setores secundário e terciário e decréscimo no primário. Vale a pena frisar que quando se trata especificamente dos países de renda alta as modificações assistidas dizem respeito a uma aumento no setor terciário e um decréscimo no setor de manufaturas. Esta realidade dos países de renda alta se dá pela diminuição da hierarquização do setor secundário como também o crescimento de ocupações mais sofisticadas nas áreas de serviços como profissionais liberais e técnicos especializados. Também é importante salientar que, segundo a autora, grande parte das atividades tidas como

ligadas à agricultura e a indústria se transformou em prestação de serviços devido à introdução de tecnologias.

4.2- Serviços em uma economia de renda alta e em uma economia de renda média

A expansão dos serviços se dá de formas diferenciadas, segundo Kon(2004), entre uma economia de alta renda e uma economia de renda média, que é o caso brasileiro. A expansão depende do grau de modernização tecnológica nos processos produtivos e do correspondente nível de qualificação da mão-de-obra. Quando o nível de renda aumenta nota-se um aumento na participação dos serviços no montante geral do PIB. Segundo a autora em 1999 o setor de serviços corresponde a 61% do total do PIB nos países de renda média e baixa e 64% nos países de renda alta. Infelizmente nos primeiros países, o aumento no setor de serviços se refere ao aumento da informalidade devido à reestruturação ter diminuído hierarquias e fechado postos. No Brasil, em 2003, o setor de serviços já participava com 56,7% no PIB segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Segundo a autora, nos mercados urbanos a absorção de mão-de-obra não consegue acompanhar os fluxos de imigrantes devido estes não se constituírem mão-de-obra qualificada para os setores modernos da economia onde os salários são inflexíveis para baixo, assim quando os imigrantes se candidatam a postos de menos qualificação essas economias sofrem com o excedente de mão-de-obra e a baixa média salarial. Parte desta mão-de-obra seguirá para o setor informal e irá desempenhar atividades tidas como subterrâneas ou invisíveis. “Desse modo, em países menos avançados a capacidade de absorção do setor informal de serviços é muito menos uma função da capitalização do setor do que da capacidade da área urbana de fornecer subsistência a trabalhadores de serviços domésticos”. (Kon: 2004;p.78)

Desde 1980, se vê que as plantas industriais procuram locais de mão-de-obra mais qualificada, como já foi dito, mas a autora ressalta que mesmo diante deste quadro, em muitos casos, é interessante manter a matriz de serviços em países em desenvolvimento devido ser oferecido serviços nestes países que integram elos os quais facilitam a existência de várias manufaturas. As condições que permitirão que isto aconteça são as seguintes: tamanho do mercado doméstico, a qualificação da mão-de-obra ou da capacidade de qualificá-la. Lembra ainda a autora que a composição específica da estrutura das ocupações se refere aos vários níveis de desenvolvimento econômico o que se coaduna com as respectivas estruturas produtivas como também com o grau de desenvolvimento tecnológico. O que a autora demonstra, conforme se visualiza empiricamente sobre os países de renda baixa, é que estes

são especializados em agricultura e que o setor de serviços se desenvolve a medida que também se desenvolve o setor secundário.

Em Kon (2004), é colocado que hoje os vários países em desenvolvimento possuem mais de 50% da sua população economicamente ativa no setor de serviços mas a literatura não é consensual que isto venha se configurar em um papel positivo no desenvolvimento dessas economias. Isto irá depender, segundo a autora, se os setores modernos abrirem vagas aumentando assim os salários médios e houver, por conta disto, um aumento do mercado interno e só assim estarão estabelecidas as mesmas relações existentes no setor de serviços que se vê nos países desenvolvidos. No Brasil, após a reestruturação, a qualificação de mão-de-obra não sofreu grandes modificações, o que se caracteriza como um ponto de estrangulamento importante para a entrada de introdução tecnológica mais avançada.

4.3 Características setor de serviços vis a vis as mudanças no padrão de produção

Com a chegada do Toyotismo, segundo Kon(2004), o setor de serviços passou a ser interpretado como elemento essencial do processo industrial que possibilita a flexibilização da produção, que é a nova condição de competitividade. “[...] e parte do processo produtivo então externalizado compreende, na maior parte das vezes, atividades de serviços que não constituem o objetivo central da produção”. Kon (2004; p.84).Contrariamente a visão anterior que levantava a subordinação do setor de serviços ao setor manufatureiro no que tange a importância deste último no processo de desenvolvimento. Isto não se configura a realidade de hoje, sendo mais uma simplificação. Advogava-se anteriormente que se o setor de manufatura decrescesse, as exportações recuariam, o setor de serviços decresceria também com efeitos multiplicadores. Na atualidade, um grande percentual dos custos de produção refere-se a insumos com serviços. Associado a isto se tem o valor gerado e o número de empregos gerados.

Estes novos serviços criaram a necessidade de se rever conceitos e entendimentos sobre a realidade que hoje envolve o setor de serviços.São tidos como serviços ao produtor que tem como responsabilidade realçar a eficiência operacional e o valor do produto. Encontram-se como condição ao seu desenvolvimento os seguintes aspectos: desenvolvimento atividades de P&D, mudança na forma de produção com a assessoria de engenharia industrial planejamento e pesquisa, capacidades internacionais no que se refere a setores financeiros e de distribuição. Todas essas capacidades são inerentes a advogados,

economistas, engenheiros, publicitários. A partir desta análise, advoga a autora que se pode reavaliar as grandes contribuições do setor de serviços para o desenvolvimento econômico.

Hoje pode-se afirmar que alguns países industrializados são economias de serviços e que este movimento é acompanhado também pelos países em desenvolvimento.

4.4 Os serviços no processo de desenvolvimento regional

Segundo Kon(2004), o setor terciário entra no processo de desenvolvimento como facilitador e reforçador das atividades líderes que se encontram naquele pólo de crescimento. Quanto ao que se refere ao doméstico, as empresas ou procuram instalar suas plantas produtivas aonde há a demanda por mão-de-obra qualificada ou para áreas de baixos salários e mão-de-obra semi-qualificada. Os serviços na atualidade são de natureza aglomerativa onde as funções de alto nível são centrais e as funções de baixa qualificação podem estar dispersas. O sentido da aglomeração também se refere ao setor secundário, pois o setor de serviços viabiliza para aquele setor conhecimentos técnico, material, organizacional e também gerencial.

Em Kon (2004), é colocado a importância dos serviços no processo de configuração dos espaços tanto nacionais quanto internacionais:

Assim, as exportações de serviços bem como as importações, à medida que são uma parte importante do processo de internacionalização, são também preponderantes no processo de configuração espacial do desenvolvimento econômico, por meio dos efeitos regionais sobre a concentração de centros produtivos especializados sem serviços específicos, tanto entre as nações quanto internamente a um país. Kon(2004: p.230)

Verificou-se uma reorganização espacial das atividades tanto no que tange a áreas internacionais quanto ao que tange a áreas dentro do país devido à reestruturação produtiva que separou plantas industriais de seus escritórios administrativos. Observou-se assim a reestruturação de uma hierarquia urbana. Em Kon(2004), é colocado um estudo feito na década de 1980 que tinha como objetivo desenhar a forma e o impacto regional da internacionalização do setor de serviços. O estudo enfocou 345 cidades mundiais e vinte atributos, alguns dos quais eram: serviços pessoais, informação financeira, transações de mercadorias. No início foram eliminadas 178 cidades por não atingirem o nível mínimo. As restantes foram agrupadas em três grupos a saber:

- i) Oito cidades foram identificadas como o grupo de terceira ordem por conta das transações comerciais
- ii) Cinquenta e sete cidades foram classificadas como de segunda ordem de importância pois tinham como diferencial os serviços pessoais
- iii) Sete cidades foram classificadas como de primeira ordem por conta das redes eletrônicas globais que possibilitavam a centralização da informação.

A novidade deste estudo dos anos 1980 é que, segundo a autora, pela primeira vez foi caracterizado o peso dos serviços na distribuição regional do desenvolvimento mundial, ou seja, existem transformações espaciais decorrentes da infra-estrutura de serviços oferecidas pelas cidades. No Brasil tem-se várias cidades que ofertam diferentes graus de serviços mas apenas São Paulo se mostra como cidade internacional no sentido de oferecer serviços que interligam empresas mundialmente.

Outra modificação importante no que tange aos serviços, lembra a autora, é a consideração a partir desta nova realidade de serviços que antes eram tidos como *non-tradeable* e passara ser agora *tradeable*. A nova divisão do trabalho se mostra em grande parte ligada a especialização dos serviços que são mais tecnologicamente avançados nos países onde a mão-de-obra é mais qualificada o que se configura condição *si ne quanon* para ampliação dos serviços. Há um maior coeficiente de exportações de serviços em relação às mercadorias para países em que a mão-de-obra é mais qualificada.

5- ANÁLISE NÚMERICA ACERCA DA EDUCAÇÃO E O SETOR DE SERVIÇOS

Este item procura demonstrar, através de dados empíricos, as idéias levantadas pelos autores com relação a níveis de desempenho na escola e no trabalho relacionado ao nível de escolaridade dos pais, ou seja, o fator do convívio social: a família, vizinhança, etc. Também traz os números do setor de serviços no país, a quantidade e o tipo de qualificação que está empregada neste setor como também a evolução das exportações de serviços.

TABELA 1

Distribuição educacional dos indivíduos ocupados de acordo com o nível de escolaridade dos seus pais

Escolaridade	Educação do pai			Educação da mãe		
	Entre 0 a 3 anos	Entre 4 a 7 anos	8 anos ou +	Entre 0 a 3 anos	Entre 4 a 7 anos	8 anos ou +
Nenhum ano	15,71	1,99	0,57	15,26	1,81	0,66

Entre 1 e 3 anos	18,75	4,47	1,05	18,24	4,29	1,10
Entre 4 e 7 anos	35,97	25,67	6,87	35,94	24,64	4,93
Entre 8 e 10 anos	13,46	21,11	10,97	13,96	20,57	9,52
Entre 11 e 14 anos	12,97	33,28	38,81	13,33	33,65	40,81
Pelo menos 15 anos	3,14	13,49	41,73	3,27	15,05	42,97
Total	100	100	100	100	100	100
Escolaridade Média	5,18	9,13	12,30	5,26	9,16	12,42

Fonte: Extraído Ramos e Reis (2009)

Os números da tabela acima mostram a relação diretamente proporcional existente entre a escolaridade dos filhos e a de seus pais. Esta relação direta é evidenciada nos estudos explicitados neste trabalho tanto do que trata da análise de código lingüístico que favorece o aluno de nível social mais elevado quanto os estudos que falam do convívio social que influenciam no desempenho escolar.

TABELA 2

Rendimento médio do trabalho de acordo com o nível de escolaridade dos pais

Escolaridade	Educação do pai			Educação da mãe		
	Entre 0 a 3 anos	Entre 4 a 7 anos	8 anos 8 anos ou +	Entre 0 a 3 anos	Entre 4 a 7 anos	8 anos ou +
Nenhum ano	177,94	294,05	590,87	177,55	320,47	594,81
Entre 1 e 3 anos	262,60	388,81	471,34	260,47	351,65	1.188,02
Entre 4 e 7 anos	367,25	447,31	420,51	366,69	461,23	403,71
Entre 8 e 10 anos	510,30	624,16	681,59	520,01	623,33	685,58
Entre 11 e 14 anos	717,59	889,78	1.127,36	720,88	911,30	1.116,37
Pelo menos 15 anos	1.479,85	1.733,47	2.325,69	1.553,26	1.797,37	2.295,19
Total	417,95	798,67	1.516,11	426,12	838,09	1.541,86

Fonte: Extraído Ramos e Reis (2009)

Os números da tabela acima vem reiterar a importância do convívio social também no que se refere à vida no trabalho pois mesmo comparando trabalhadores com o mesmo nível de escolaridade, os trabalhadores que possuem uma família mais instruída possui melhor nível de salário.

Assim, se entende que a educação não possui a característica de acabar com as desigualdades, o que na realidade pesa para se ter um bom desempenho escolar e um bom

desempenho no mercado de trabalho é o convívio social a que o aluno e mas tarde o trabalhador está sobre a influencia.

TABELA 3

Brasil- Participação do setor de serviços na ocupação total

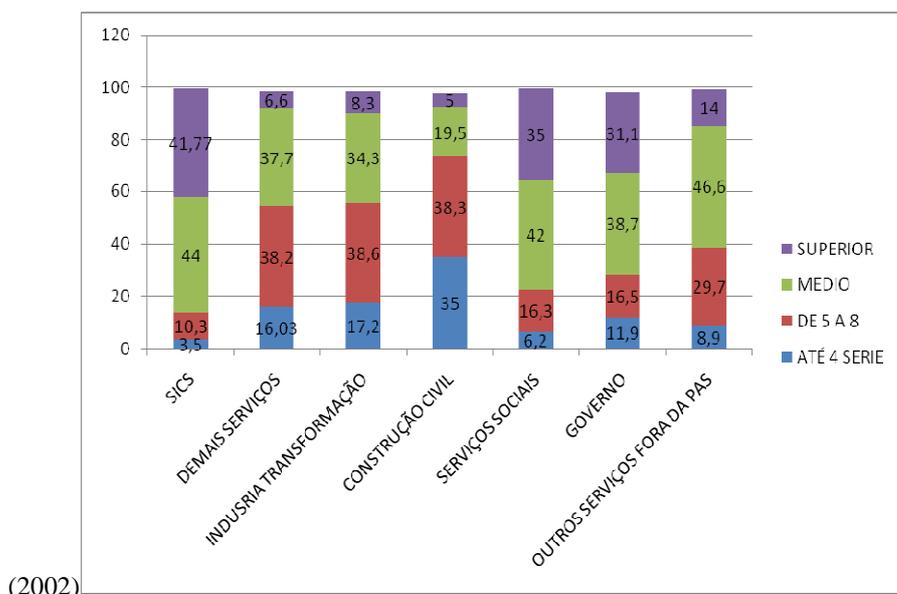
ANO	PARTICIPAÇÃO NOS SERVIÇOS
1985	49,3%
1990	54,4%
1995	54,5%

Fonte: Extraído Melo ET all, (1998)

Os números do crescimento da participação dos serviços na ocupação total vem a validar as idéias apresentadas em Kon(2004), onde o setor de serviços apresenta aumento de participação quando comparado ao setor primário e secundário. Lembra a autora que um país como o Brasil, o aumento do setor de serviços nestes anos quer também dizer aumento de informalidade devido a reestruturação produtiva. Já nos países desenvolvidos houve um aumento no setor de serviços devido ao crescimento de ocupações mais sofisticadas nas áreas de serviços como profissionais liberais e técnicos especializados.

GRÁFICO 1

Proporção de pessoal ocupado por grau de escolaridade, segundo setor de atividade do Brasil



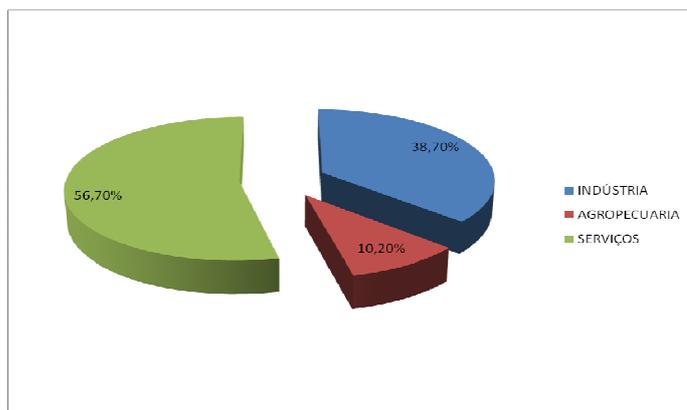
Fonte: Extraído Negrine e Kubota (2006)

O setor de serviços que cresce por excelência com a dinamica requerida pelo toyotismo é justamente o setor SICS (serviços intensivos em conhecimentos) onde, conforme

as explicitações teóricas abordadas neste artigo, é requerido neste setor alta qualificação. O percentual de 41,77% da mão-de-obra utilizada neste setor possui nível superior. E este percentual é a maior representatividade deste tipo de mão-de-obra se comparado aos outros setores de atividades no Brasil. Também se destacam os serviços fora das PAS (infra-estrutura, financeiro, P&D, comércio e outros).

GRÁFICO 2

Participação dos serviços no PIB do Brasil em 2003

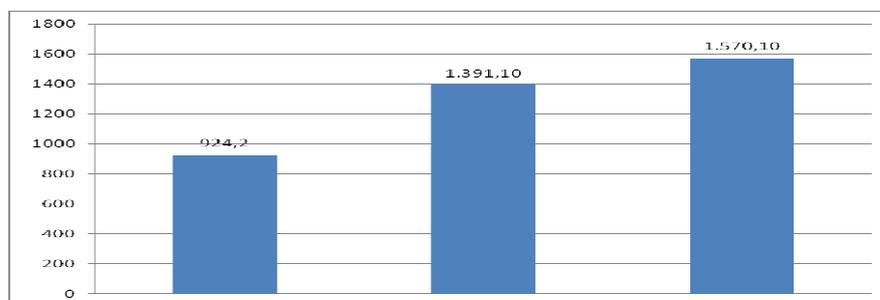


Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro Geografia e Estatística , (2003)

Este gráfico confirma a tendência de mais de 50% do PIB no Brasil ser representado pelos serviços, tendência esta já consolidada, conforme discussão feita neste artigo, nos países de alta renda. A expansão dos serviços depende do grau de modernização tecnológica nos processos produtivos e do correspondente nível de qualificação da mão-de-obra. Segundo Kon(2004), quando o nível de renda aumenta, nota-se um aumento da participação dos serviços no montante geral do PIB.

GRÁFICO 3

Exportação serviços mundiais em 1992-1999-2002



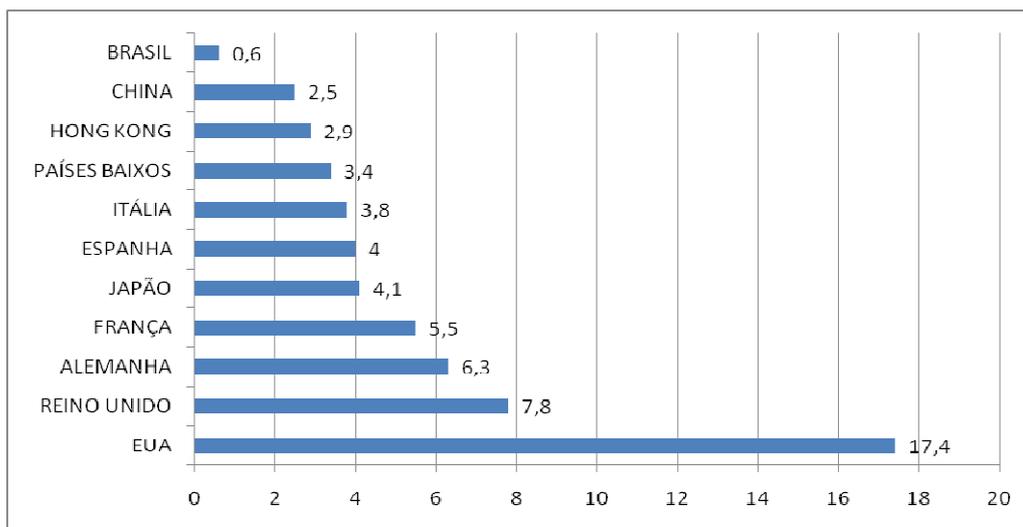
Fonte: Organização Mundial de Comércio, (2003)

Os serviços são exportados com uma forte tendência de crescimento onde pode ser lembrado aqui a re-conceituação dos serviços *tradables* e *nontradables*. E também identificar

que, conforme Kon(2004), alguns países industrializados são economias de serviços e o gráfico abaixo nos mostra que o maior exportador de serviços é os EUA. Em Kon(2004) foi visto que há um maior coeficiente de exportação de serviços em relação às mercadorias para países onde a mão-de-obra é mais qualificada.

GRÁFICO 4

Principais exportadores de serviços no mundo – participação percentual



Fonte: Organização Mundial Comércio (2003)

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo contribuir com uma análise das teorias sobre educação e desigualdade e a análise da globalização como demandante de qualificação notadamente no terceiro setor - o setor de serviços. A investigação girou em torno da importância da educação, e, por conseguinte, da qualificação para a inserção bem sucedida de um país na economia global.

Foi visto que para melhorar o desempenho escolar é necessário que a sociedade seja mais igualitária visto que o fator preponderante para o aumento do desempenho do aluno é sua condição sócio-econômica.

A importância do setor de serviços para a economia em todo o mundo vem em uma tendência de alta e que a lógica da localização do capital vai em busca dos serviços oferecidos pela mão-de-obra qualificada, sendo esta uma das condições estratégicas para o desenvolvimento das regiões. O setor de serviços significa na maioria das economias de alta e média renda um percentual acima de 50% do PIB.

A educação surge assim como variável estratégica para o desenvolvimento de uma economia e, por conta disto, deve ser fomentada pelo Estado, apesar disto ir de encontro às idéias liberais que vigoram acerca do Estado mínimo.

Investir em educação é condição para que o aumento do setor de serviços em uma economia de média renda, que é o caso do Brasil, não se configure apenas em aumento do setor com mão-de-obra semi qualificada ou desqualificada ou mesmo aumento da informalidade. O aumento do setor de serviços só representará as mesmas relações que se vê nos países desenvolvidos se os setores modernos abrirem vagas aumentando os salários médios fazendo com que haja um aumento do mercado interno.

Bibliografia

CASTELLS Manuel. BORJA, Jordi. **Local Y Global La Gestión de Las Ciudades em lãs Era de La Información**. Santafé de Bogotá: Distribuidora y Editora Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S.A, 2004

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 2. Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2003

KON, Anita. **Economia de Serviços Teoria e Evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004

MELO, Hildete Pereira de; ROCHA, Frederico; FERRAZ, Galeno; SABBATO, Alberto Di; DWECK, Ruth. **O setor de serviços no Brasil : uma visão global – 1985/95**, Texto discussão IPEA N. 549, Rio de Janeiro, 1998.

NEGRINE, João Alberto de; KUBOTA, Luiz Claudio. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**, Brasília:IPEA, 2006

RAMOS,Lauro; REIS, Maurício. **A escolaridade do país , os retornos à educação no mercado de trabalho e a desigualdade de rendimentos**, Texto para discussão IPEA n. 1442; Rio de Janeiro, 2009

RELATÓRIO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMERCIO, disponível em WWW.WTO.ORG. Acessado em 29.01.2010

SALM, Cláudio L.**Escola e Trabalho** .São Paulo: Livraria Brasiliense Editora S.A., 1980

SMITH, Adam. **Riqueza das nações-** v.2.São Paulo:Abril Cultural, 1983